

ASPECTOS POLÍTICOS DA TRANSFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO: RELAÇÕES COM O ESTADO, A SOCIEDADE E A IDENTIDADE CULTURAL

RESUMO - Trata-se de uma discussão a respeito dos aspectos políticos que envolvem a transferência da informação no contexto das macro-esferas – Estado e sociedade – levando em consideração as implicações provenientes dessa relação com o desenvolvimento da identidade. A abordagem é política e preza tocar as novas formas de interação do sujeito com a informação, estoques de conhecimento e consumo.

Palavras-chave: Informação – Aspectos políticos. Transferência da informação. Sociedade.

Barbara Coelho Neves

Professora de TIC para CI/NUCI-UFS.

barbaracoelho2000@yahoo.com.br

POLITICAL ASPECTS OF TRANSFER INFORMATION: RELATIONS WITH THE STATE, SOCIETY AND CULTURAL IDENTITY

ABSTRACT – This is a discussion on the policy issues that involve the transfer of information within the context of the macro-levels – State and society - taking into account the implications of that relationship with identity development. The focus is policy and new forms of interaction of humans with the aim of finding information, analysis and critical review of the accumulation of knowledge.

Keywords: Information – Political aspects. Information transfer. Society.

1 INTRODUÇÃO

A política de transferência da informação, no plano do Estado e da sociedade, acontece de maneira desigual. Isso é fato. Entretanto, poucos são os trabalhos que tratam das brechas que se intensificam em torno das estocagens de conhecimento, determinadas pelas diferenças culturais e de educação.

A internet transformou profundamente as estruturas dos modelos de transferência da informação e, conseqüentemente, na geração do conhecimento, ficando cada vez mais tendencioso e hegemônico os estoques de informação dos países centrais. De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2006, os países que mais oxigenam a ciência são, na maioria, os mesmos que mais investem em pesquisa e desenvolvimento, como Suécia (4,0%), Japão (3,1%), Finlândia (3,5%) e Estados Unidos (2,6%) do produto interno bruto (PIB). Na América Latina, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil é o país que mais tem investido em pesquisa e desenvolvimento (1,0%) do PIB, mas ainda assim, o gigante latino está distante da rota dos grandes empreendimentos em tecnologia pesquisa e desenvolvimento e em tecnologia de informação e comunicação (TIC).

Nesse contexto, o artigo pretende resgatar um debate, observando a relação entre informação, o Estado e a sociedade, considerando fatores de consumo. A análise que se propõe visa considerar como se formam as identidades contemporâneas e os atuais estoques de conhecimento que estão vinculados às transformações sociais.

O artigo está estruturado em quatro seções complementares, sendo a primeira um debate sobre os aspectos da informação e sua tramitação no âmbito do Estado, assim como também sua implicação para a sobrevivência do indivíduo. A segunda seção apresenta relações entre o Estado, identidade e transformação social com o consumo. A terceira seção mostra um panorama da informação e da técnica como ferramentas do Estado, apoiando-se na visão de Milton Santos. A quarta seção fala das implicações da informação e do conhecimento para a sociedade, considerando o contexto atual da transferência de informação. Como conclusão do debate, considera-se que para se estocar conhecimento, e daí proporcionar desenvolvimento, é necessária consciência crítica em todas as etapas frente ao atual contexto de transferência da informação.

PontodeAcesso, Salvador, v.7, n.3 ,p. 131-147, dez 2013

www.pontodeacesso.ici.ufba.br

2 INFORMAÇÃO E A CONVERGÊNCIA COM O ESTADO

Entendemos que a informação não é um conceito absoluto, porque podemos adquirir graus variáveis de informação sobre uma fonte. De acordo com Capurro e Hjørland (2007), informação é um conceito-chave para a sociologia, a ciência política e a economia da assim chamada Sociedade da Informação. Com base nisso as análises sobre tal sociedade e suas definições estão sempre ligadas a critérios de ordem econômica, tecnológica, cultural, espacial e ocupacional.

O tema sociedade a informação entrou nas referências políticas, econômicas e acadêmicas na década de 1960, formalizando-se na sequência das máquinas inteligentes utilizadas durante o período da Segunda Guerra Mundial. “A guerra de massa exigia produção em massa [...]” foi o procedimento que “[...] adiantou visivelmente a tecnologia nuclear, aeronáutica e computadores, acelerando o progresso técnico e inovação tecnológica, bases da economia industrial moderna” (HOBBSAWM, 2005, p. 52-55).

A reestruturação do Capital, articulada com a expansão da tecnologia da informação após os anos 1970, suscita o que Castells (1999, p. 22) pontua como:

[...] um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital, tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores do indivíduo.

A liderança tecnológica define a condição hegemônica dos Estados e empresas, e é por seu intermédio que se impõem os padrões gerais de reprodução e multiplicação da acumulação. A vanguarda dos Estados Unidos (EUA) na tecnologia da informação, Vale do Silício (São Francisco), é produto da convergência de vários fatores: engenheiros e cientistas das principais universidades, fundos generosos do Departamento de Defesa, a liderança institucional da Universidade de Stanford e a intensificação de pesquisas científicas oriundas do Pentágono, nutrindo a proliferação de máquinas, que viriam alterar a divisão internacional do trabalho e também as formas de aquisição do conhecimento. Ainda nesse

conjunto, outro determinante – descrito no livro *História da Sociedade da Informação* – diz que, enquanto os EUA ocupavam uma posição ofensiva no mercado da informação, a União Soviética (URSS) mantinha seu modelo social baseado no fechamento e controle da informação, tendo uma posição de defesa (MATTELART, 2002).

Naquele momento ocorrem inovações que mudariam todas as esferas da sociedade: o circuito integrado, o microprocessador e o computador. Tais inovações, unidas à necessidade de segurança de seu maior detentor, dão origem a uma arquitetura de rede que não pode ser controlada a partir de nenhum centro e é composta por inúmeros computadores autônomos (uma rede horizontal global). Assim, a evolução afirmativa da sociedade da informação está estritamente ligada à evolução científica em convergência com a tecnologia, que visava segurança para estabelecer a soberania do Estado. Tal processo despontou com a Segunda Guerra e se intensificou durante a corrida espacial entre União Soviética e EUA no período da Guerra Fria.

A competição entre os blocos rescindiu na atual sociedade (MATTELART, 2002). Uma sociedade onde o poder tende a se tornar global, menos abertamente autoritário, mais horizontal (no que se compreende em difusão) e amplamente chamada de descentralizada.

A revolução da tecnologia da informação contribuiu para a formação dos meios de inovação, onde descobertas e aplicações interagem e são testadas em um repetido processo de tentativa e erro.

Uma malha convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (*software* e *hardware*), telecomunicações/radiofusão, e optoeletrônico incluindo a engenharia genética e seu crescente conjunto de desenvolvimentos e aplicações (CASTELLS, 1999, p. 49), têm início a partir do trabalho conjunto entre universidades, grupo de profissionais, organizações de pesquisa e o Governo.

Castells (1999) aborda a Sociedade da Informação como uma sociedade configurada em redes. Segundo o autor, “redes” constituem a nova estrutura social de nossas sociedades, e a dispersão da lógica de redes modifica essencialmente a operação e os frutos da sucessão sistemática de mudanças da produção e de experiência numa direção definida por processos produtivos. Nessa perspectiva esta denominação de “redes” está conceituada como um conjunto de nós conectados. Diante disso, a estrutura social foi configurada para comportar

PontodeAcesso, Salvador, v.7, n.3 ,p. 133-147, dez 2013

www.pontodeacesso.ici.ufba.br

interrelações entre redes; proporcionando a convergência cultural, política e de organizações sociais, visando à exclusão do espaço e anulação do tempo.

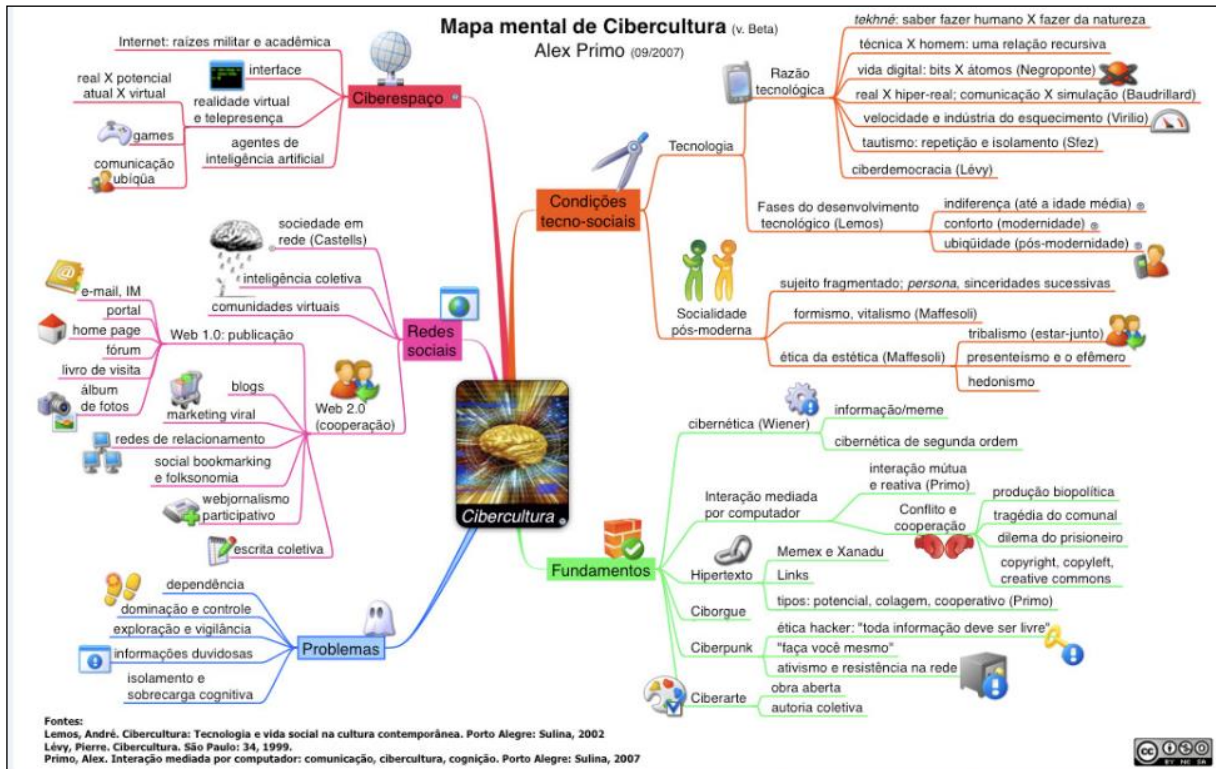
A internet é um tipo de tecnologia, classificada por Pierre Lévy, como molecular por ser incontrollável a ponto de nenhum poder controlar pessoas ou coletivos no ciberespaço. Ou seja, “[...] um grupo molecular não tem necessidade de uma mediação transcendente para se unir” (LÉVY, 1994, p. 57). Baseando-se na inteligência coletiva, possível no ambiente molecular, não há um cérebro ‘príncipe’, central, que dirige todos os outros, mas cérebros afins sensibilizados com determinada causa e que se comunicam transversalmente num terreno desterritorializado, de maneira recíproca com ausência de categorias e hierarquias, ‘membros do coletivo’ que promovem o conhecimento mútuo a seu bel-prazer.

Lembremos que inteligência coletiva é uma “[...] inteligência distribuída por toda parte” (LÉVY, 1994, p. 28) e que se torna possível nesse espaço. Assim, a inteligência coletiva é organizada em torno de dois eixos que se completam entre si: laço social e espaço do saber; e aqui também neste contexto, o poder da identidade encontra-se subjugado, já que cada membro pode fazer parte, simultaneamente, de vários grupos.

A inteligência coletiva é uma visão antropológica que reúne milhares de espaços diferentes, que são estruturantes, vivos, autônomos, irreversíveis, proliferando de forma molecular. Aqui os quatro espaços – terra, território, espaço dos mercados ou do saber – que são tratados como interdependente, e resultam no megaespaço antropológico, coexistem em toda parte.

O megaespaço antropológico das redes no ambiente cibernético é o que Lévy (1994) e Primo (2007) descrevem como cibercultura. A Imagem 1 ilustra os elementos do ciberespaço, as redes e as condições técnico-sociais que concretizam a cibercultura. Paralelo a isso, estão em destaque alguns dos principais fundamentos teóricos e metodológicos, como também os problemas desse contexto contemporâneo.

Imagem 1: Mapa mental da Cibercultura.



Fonte: (PRIMO, 2007)

No espaço do saber, o homem “[...] volta a tornar-se nômade, pluraliza sua identidade explora mundos heterogêneos, é ele próprio heterogêneo e múltiplo, em devir, pensante”. (LÉVY, 1994, p.135). A identidade plena passa pelos espaços e resulta em uma identidade quântica = *quanta coletiva*, pois nela convergem possibilidades que, de maneira aleatória, podem encadear o **mal ou bem**.

As transformações que presenciamos hoje, e que tiveram início na invenção da internet para a defesa dos grandes Estados, é um legado da invenção dos tipos móveis, que ampliou as possibilidades de reprodução da informação e, conseqüentemente, aumento dos estoques de conhecimento. Naquele período, “[...] tal inovação tecnológica, insere-se em contextos de grandes transformações, do ponto de vista comercial e industrial [...]” (CARVALHO, 1999, p. 18), alterando o mundo ocidental e o Brasil do ponto de vista da produção e difusão do conhecimento.

Quadro 1: Economias industriais e baseada em conhecimento

Economia Industrial	Economia baseada em Conhecimento
Intensivo em energia	Intensivo em Informação
Projeto e engenharia executados em escritórios de projeto	Projeto assistido por computador
Projeto e produção sequenciais	Engenharia concorrente
Padronização	Customização
Linha de produção relativamente estável	Linha de produção em mudança constante
Equipamentos e plantas dedicados	Sistemas Flexíveis de produção
Automação	Sistematização
Estruturas hierárquicas	Estruturas horizontais planas
Estruturas departamentais	Integração
Produtos conjugados com serviços	Serviços conjugados com produtos
Centralização	Inteligência distribuída
Especialização	Habilidades múltiplas
Controle e propriedade governamental	Regulação, coordenação e informação governamental
Planejamento	Visão

Fonte: (RIBEIRO, 2006)

A inovação, como produto consumado do conhecimento, é a representação institucional, resultado de uma ação planejada e consciente, ou de um somatório de decisões não planejadas e desarticuladas, que impulsionam o progresso tecnológico em economias complexas. Esses arranjos institucionais envolvem as firmas, redes de interação entre empresas, agências governamentais, universidades, centros de pesquisa, laboratórios de empresas, atividades de cientistas e engenheiros. Articulam-se com o sistema educacional, com o setor industrial e empresarial, bem como com as instituições financeiras, completando o círculo dos agentes envolvidos e responsáveis pela geração, implementação e difusão das inovações.

3 RELAÇÕES PERIGOSAS: ESTADO, IDENTIDADE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

O homem é subjugado a diversas forças na atualidade, e entre elas, a ele mesmo (como figura dominante) ou como Estado. O Estado, como é o caso do Estado-Nação, “[...] pode definir quem tem o direito e o dever de fazer parte dele [...] e quem deve ser descartado, rejeitado ou eliminado [...]” (ENRIQUEZ, 2006, p. 26) por não se identificar completamente com seus valores.

Porém, esse “aumento do poder do Estado” é mais notório em modelos totalitários, que são raros na atualidade. Nunca houve tantos governos, utilizando modelos democráticos como agora. Entretanto, frente a tantos modelos democráticos, percebe-se uma crise de legitimidade dos governos.

Apesar de alguns autores (CASTELLS, 2000; ENRIQUEZ, 2006) chamarem a atenção para o triunfo da democracia representativa, se observarmos atentamente – principalmente no contexto latino-americano – chega-se a conclusão que muitos países desenvolvem uma democracia delegativa; apesar de o cidadão exercer o poder do voto, ele delega o poder a um pequeno grupo que, supostamente, é o Estado, mas que na realidade é o executivo (representantes políticos). O Brasil é um exemplo disso.

Também parece interessante ressaltar que, ao invés de aumento do poder do Estado propriamente dito, percebemos uma crise do Estado-Nação intensificada por uma falsa autonomia, uma vez que, na realidade, o Estado tem suas ações ordenadas “pela sua sujeição ao dinheiro” e pela globalização com seus grandes processos de circulação do capital, e informação viabilizada pelas TIC. No atual contexto, não há nenhum Estado que possa controlar o fluxo de tais processos, perdendo, neste sentido, em sua soberania.

Presencia-se um retorno à identidade como uma tentativa do cidadão como mecanismo de se defender das formas de violência (do dinheiro, do Estado, da informação). Uma *reação no nível coletivo* – onde o retorno às raízes, restauração de nacionalismos tal como ocorre com o albanês, sérvio, catalão, africano negro (ENRIQUEZ, 2006; CASTELLS, 2000), que têm por objetivo restaurar um mundo possível de ser vivido, reconquistando uma realidade perdida. E uma *reação no nível individual* – onde o homem parece estar muito mais preocupado “consigo mesmo”, identificando os demais “como obstáculos ou objetos de

PontodeAcesso, Salvador, v.7, n.3 ,p. 137-147, dez 2013

www.pontodeacesso.ici.ufba.br

prazer”.

Assim como na expressão de Castells (2000), “o poder da identidade” vem se tornando cada vez mais fortificado por um grupo de indivíduos organizados em torno de causas ou ideologias. Enriquez (2006, p. 28) também afirma: “[...] estamos assistindo a uma lenta mais real renovação da sociedade civil”. Porém, apesar de cada vez mais os sujeitos se darem conta da relevância de identificação com seus pares para resolução dos problemas, com os quais se defrontam por meio do envolvimento em ações no nível individual ou coletivo, não quer dizer que tal procedimento restituirá de maneira autônoma o vínculo social.

No campo das transformações sociais, não dá para entender as mudanças ocorridas sem uma análise profunda que permita descobrir o conjunto de fatores que põem em vigor a nova dinâmica do poder da atualidade. Segundo Mejía (1996, pp. 9-10), essa análise é importante para evitar enganos quanto à dinâmica das transformações da atual sociedade. O autor afirma que “[...] além de uma nova forma de controle, emergiu também uma rede de dominação com uma outra lógica [...]”, possível pelas mudanças configuradas no final do século anterior, que estabelecem controle e domínio próprio, impondo uma racionalidade difícil de ser desvendada.

Esse novo processo capitalista, no campo nacional, possibilita o desenvolvimento de estratégias tecnológicas e, no âmbito global, aumenta as diferenças quanto ao acesso às tecnologias pelas nações, sendo os países do “[...] Norte e os de ponta do Sul aqueles com maior capacidade de jogo e presença nesses mesmos processos tecnológicos.” (MEJÍA, 1996, p. 10). Estamos frente a um capitalismo isento de qualquer responsabilidade social, e que, dentro dessa perspectiva, desenvolve uma homogeneização social, ignorando que há de um lado poucos com muito e do outro, muitos com pouquíssimo, e consolidando a estrutura de classe a ponto de se criar a ideia de que a “[...] única sociedade possível é a nova sociedade capitalista”.

O homem do ‘reino do dinheiro’ não está preocupado com o coletivo. Ele dissolveu o elo social e a exclusão é a palavra da vez. Ele está muito mais interessado com os valores organizacionais e não com os antigos valores de mérito, trabalho, honra, dentre outros; o que importa: é o dinheiro. Assim, o sujeito acredita ser, em grande parte, autônomo; graças

PontodeAcesso, Salvador, v.7, n.3 ,p. 138-147, dez 2013

www.pontodeacesso.ici.ufba.br

às vias impostas pelos dominantes para “superexplorá-lo e aliená-lo”. (ENRIQUEZ, 2006).

O consumo é uma das vertentes que tende a fragilizar ou até mesmo a romper com a ideia de grupo social. Segundo Bauman (2007), o consumo é uma atividade solitária, que confere ao indivíduo a sensação de autonomia, mesmo quando é realizado em grupo. A “participação ativa nos mercados de consumo é a principal virtude que se espera de uma sociedade de consumo” (BAUMAN, 2007, p. 102).

Pesquisas, como as de Godói e Pinheiro (2008), identificam que, diante do contexto influenciado pelo impacto das inovações tecnológicas, a subjetividade, em particular, o mundo da rede de internet e as relações virtuais são estabelecidas pelas estratégias para o consumo de informações pelo EU. Contudo, as informações e o próprio EU se confundem nas redes, constituindo uma cultura consumista ou mesmo a identidade consumista, onde estão envolvidas a velocidade, o excesso e os desperdícios.

A rede complexa é o reflexo da atual sociedade e seus aspectos com respeito ao consumo de informação e desenvolvimento identitários são tão vibrantes e fluídos quanto seu ambiente desterritorializado. Ao se identificar com essas inovações tecnológicas, surge então uma identidade “moderna”, um novo modelo subjetivo do homem, caracterizado pela inovação e evolução constante, e tão eficiente quanto à tecnologia que utiliza.

Essa nova mudança de ordem, que implica no posicionamento dos atores quando lidam e consomem a informação, é a suposta modernidade líquida, onde solta-se o freio da “[...] regulamentação, da liberalização, da flexibilização, da “fluidez” crescente, do descontrole dos mercados financeiros, imobiliário e de trabalho, [...]” visando à construção de uma “[...] ordem nova e melhor para substituir a velha ordem defeituosa [...] da modernidade sólida, pesada, industrial” (BAUMAN, 2001, p.11-12).

De fato, este contexto em que o homem está submetido, gera o perfil individualista que traz consequências ao nível coletivo, pois o sujeito está cada vez mais preocupado em estar inserido nos mecanismos, que têm como primeira ordem: “dinheiro deve criar dinheiro, de acordo com a necessidade, sem passar pela mercadoria” (ENRIQUEZ, 2006, p. 25).

O problema é que para o novo modelo capitalista – onde as estratégias financeiras geram uma “guerra econômica intensificada a cada dia” – não existe um limite para as necessidades – a acumulação nunca é demais. E esta “guerra” tem gerado o que muitos

PontodeAcesso, Salvador, v.7, n.3 ,p. 139-147, dez 2013

www.pontodeacesso.ici.ufba.br

autores denominam de “aumento contínuo das desigualdades internas e externas”, onde os maiores beneficiados são os países mais ricos, mais bem equipados com aparatos tecnológicos. Vê-se também, os métodos de exploração capitalista, utilizados por esses atores dominantes, desenvolvendo um ciclo vicioso que consiste em instalar suas empresas para utilizar a mão de obra barata (ou muitas vezes ‘quase’ escrava) de países em desenvolvimento – que também dependem do modelo capitalista para benefício de sua pequena classe rica.

4 DAS FERRAMENTAS DO ESTADO: A INFORMAÇÃO E A TÉCNICA

A informação tem papel de destaque, representando matéria principal entre os jogos de poder entre pessoas e instituições. Ela possui seu valor, pois está presente em todas as atividades que envolvem pessoas, processos, sistemas, recursos financeiros, tecnologias etc.

E como nova ordem desse capitalismo, as novas relações de trabalho e formas de competências de mercado (livre concorrência) ficam configuradas como ponto central do indivíduo. Santos (2000, p. 47-48), se refere a essa competitividade como a ausência de compaixão, por se tratar não mais de uma concorrência ou competição, mas de um total esmagamento do outro, visando tomar definitivamente o seu lugar. A competitividade é a base do subsistema ideológico que comanda outros sistemas da vida social, ou seja, a competição passa a comandar da economia à própria vida privada. Essa nova lei ideológica do valor é a responsável pela ausência de solidariedade, pela fragmentação, ampliação do desemprego, abandono da educação e desapareço da saúde, além de geradora de todas as formas perversas de sociabilidade que, segundo o autor, visam assegurar relacionamentos que focam os laços imediatos voltados para o consumo em detrimento do interesse do outro.

É possível perceber como os principais mecanismos do novo sistema-mundo se comportam e aponta a informação tanto tirana quanto técnica.

A **tiranía da informação** nitidamente é associada à globalização perversa entendida aqui, como uma das duas violências centrais, funcionando como base para o sistema ideológico que alicerça os novos totalitarismos/globalitarismos. Santos (2000, p. 38-39)

PontodeAcesso, Salvador, v.7, n.3 ,p. 140-147, dez 2013

www.pontodeacesso.ici.ufba.br

questiona que o progresso das inovações e suas condições técnicas “[...] deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetivos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca”. As técnicas de informação terminam sendo utilizadas por uma pequena parcela de atores globais, visando seus próprios objetivos e interesses particulares.

A **técnica da informação** assegura os processos da globalização. Ela aparece pela primeira vez na história como algo que envolve todo o planeta. Hoje uma única técnica é capaz de modificar rapidamente toda uma sociedade.

A técnica da informação alcança a totalidade de cada país, direta ou indiretamente. Cada lugar tem acesso ao acontecer dos outros [...] Antes haviam técnicas hegemônicas e não-hegemônicas; hoje, as técnicas não-hegemônicas são hegemônicas. (SANTOS, 2000, p. 26).

Assim, pode-se pontuar que uma das técnicas de informação relevantes no novo sistema reporta aos modelos de transferência de informação. “As técnicas de informação, por enquanto, são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdade” (SANTOS, 2000, p. 39). Elas tornam a periferia do sistema capitalista ainda mais excluída ou em afastamento gradual dos objetivos da globalização, seja por não dispor dos novos meios de produção, seja porque lhes escapa a possibilidade de controle. Em concomitância, pode-se destacar o que já observava Galeano (1978), na América-Latina “das veias abertas”, que a brecha teve seu início precoce, desde quando, no Renascimento, os europeus fincaram seus dentes pontudos na garganta latinoamericana.

Outro ponto, colocado por Santos (2000) sobre a informação, diz respeito ao fato de que, geralmente, ela é maquiada para transmitir o caráter ideológico “fabuloso” que os atores hegemônicos visam implantar como discurso para desencadear, dentre outras ações, o consumo e o poder. Tudo isto que dizer que, apesar dos apelos da globalização, os usos da informação acabam sendo mais restritos do que costumamos imaginar.

Após dez anos desse seu comentário algumas coisas mudaram, pois as estatísticas

apontam que mais pessoas têm acesso aos aparatos tecnológicos, como celulares e computadores. Contudo, o domínio da técnica, mesmo com a característica horizontal que muitas dessas tecnologias potencializam, ainda é domínio de uma elite cultural e, sobretudo, política e econômica. Tudo isso reforça o processo histórico geral da tirania da técnica da informação no contexto dos países considerados periféricos.

5 INFORMAÇÃO E SOCIEDADE: IMPLICAÇÕES NO CONHECIMENTO

No mundo globalizado, alimentado pelo capitalismo financeiro, o social tem um importante papel de gerir a pobreza criada pelo capitalismo, ou seja, este mantém as pessoas pobres para que aquele possa atuar de maneira que mantenha as massas continuamente desfavorecidas. Nesse ponto, Baudrillard (1994) chama atenção para essa manobra que aponta para o fim do social. O social, em sua maioria, sobrevive pela injeção de capital privado para “diminuição da pobreza”. Parte deste é revertido para obras sociais, que na visão do autor, alimenta um pacto de silêncio entre as partes, e principalmente nas massas menos abastadas – onde toda energia é sugada, implodida e distorcida para, após alguns instantes, se esfriar e se manter calada e inerte.

Baudrillard (1994, p. 9) substitui as classes pelo termo “massas” e estas são

[...] características da nossa modernidade, na qualidade de fenômeno altamente implosivo, irreduzível a qualquer prática ou teoria [...] são aqueles que estão liberados de suas obrigações simbólicas, anulados, presos nas infinitas redes e destinados a serem o inumerável [...] fato que a torna não alienável visto que nem um, nem o outro não existe.

As massas não são o espelho do social, pois – não sendo de imagem exata – elas funcionam como grandes buracos negros que absorvem e distorcem toda a energia que se aproxima, inclusive o próprio social. Daí a ideia de qualquer processo inovativo, entre as massas, só poder ser sondado. Dessa maneira, dado, informação, conhecimento, inovação e valor, são conceitos que não se expressam nas massas, ou seja, não têm forma

PontodeAcesso, Salvador, v.7, n.3 ,p. 142-147, dez 2013
www.pontodeacesso.ici.ufba.br

representativa. Como as massas procuram por símbolos, os dados (matéria-prima da informação) entram facilmente nas camadas da população através de um complexo mercado tecnológico provocado pelo processo de inovação e estratégia competitiva. Assim, a informação não atua diretamente sobre os sentidos, mas os dados.

Para se obter informação, insumo do conhecimento, é preciso realizar uma síntese que, alinhada aos elementos objetivos e subjetivos do sujeito, influenciam na sua formação. É possível compreender a etimologia da palavra informação, verificando o latim *informare* que provem de informar, que significa, literalmente, “dar forma”, isto é, estabelecer “[...] limites à matéria, dotá-la de estrutura e organização” (GÓMEZ DE SILVA, 1988, p.13).

Por sua vez, para a produção de conhecimento, é indispensável realizar não somente a estruturação e interpretação de símbolos como também uma gama de atividades mais complexas indispensáveis para sua decodificação: análise (relação do que se conheceu com o todo); síntese (a união do que se fragmentou e a relação do todo com as partes); visão dialética (interconexão da informação já adquirida com a nova); elaborar interferências (por exemplo, a hermenêutica); aplicar (desenvolver novas visões de mundo, salto de qualidade) e assimilar (desenvolvimento cognitivo). Além de outras capacidades intelectuais importantes como fantasiar, imaginar e colocar em prática o processo criativo (RENDÓN ROJAS, 2005).

Por outro lado, as estruturas do capital que agregam valor à informação parecem estar pouco interessadas no desenvolvimento cognitivo do indivíduo – ou de sua totalidade “massas” – e sim como estas encadeiam o processo informacional para que possam atuar em cada parte da cadeia ou setor que cerca o indivíduo. As estruturas estão atentas às reações subjetivas do indivíduo, “*estructuras interpretativas del sujeto*” já que as massas não dão um retorno preciso quanto ao seu elemento objetivo, ou seja, dados e estímulos sensoriais (BAUDRILLARD, 1994; RENDÓN ROJAS, 2005), a não ser com os dados que emitem em relação ao seu consumo.

Embora exista na literatura sobre políticas de informação, sobretudo nas de cunho norte americanas, que há um livre fluxo de informações entre os blocos de países, percebe-se que as patentes são cada vez mais irredutíveis e representam papéis do capital que indicam ou simbolizam o desenvolvimento de suas economias pautadas na informação. Essa

PontodeAcesso, Salvador, v.7, n.3 ,p. 143-147, dez 2013

www.pontodeacesso.ici.ufba.br

é a retórica difundida pelos hegemônicos que utilizam os mecanismos de produção e transmissão de informação para disseminar os conhecimentos científicos e técnicos como mercadorias. Acredita-se que essa característica (produto) do atual momento econômico recebe influência da teoria de acumulação de capital, ou ainda é uma reestruturação do capitalismo produtivo.

No momento atual (pós-industrial), onde a oferta e demanda de *know-how* dependem das leis que regem o informacionalismo (economia informacional/global baseada em informação como *commodity*), uma das características da organização científica, da maioria dos países industrializados e pós-industriais, “[...] é que a informação científica é tratada como uma mercadoria sujeita às leis do mercado, sendo considerada à semelhança de qualquer produto industrial” (BRIQUET DE LEMOS, 1980, p.2). E o que se percebe, na atualidade, é que o PIB dessas nações desenvolvidas só aumenta, sendo as atividades ligadas à informação uma das maiores contribuintes para esse acréscimo. Esse novo processo produtivo respalda um desenvolvimento endógeno.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais características do novo modelo de transferência da informação evocam a velocidade das mudanças e o rápido descarte dos estoques de capitais e conhecimento.

Percebe-se que as relações entre informação, Estado e sociedade são desiguais e profundas, acarretando mudanças na maneira do indivíduo desenvolver as condições de ligação com essas esferas. O computador torna-se um importante meio para se chegar à produção do conhecimento e a internet um meio potencialmente eficiente para a informação construir conhecimento. Essas grandes inovações associadas são pontos importantes no modelo atual de transferência da informação, sendo os países mais desenvolvidos detentores de grandes riquezas respaldados na economia do conhecimento.

A proposta deste artigo, que analisou a informação na esfera do Estado e sociedade, observando as implicações na identidade do sujeito (seja ele autônomo ou massa), considerou que, para se estocar conhecimento e daí proporcionar desenvolvimento, no *stricto sensu* da palavra, é necessário ter consciência crítica.

PontodeAcesso, Salvador, v.7, n.3 ,p. 144-147, dez 2013

www.pontodeacesso.ici.ufba.br

Assim, diante do exposto, acredita-se que os desafios constituem na construção de competências e aprendizado, além do entendimento crítico diante do modelo vigente de transferência de informação. São necessários conhecimentos e habilidades (*skills*), como conhecimentos gerais relacionados com a língua materna, língua estrangeira e tecnologia da informação. Ou seja, a vivência do indivíduo implica em sua maneira de buscar informações, baseado nas relações sociais em rede e nas estratégias de pesquisa com abordagem crítica para melhor atuar no oceano de possibilidades informacionais.

Destaca-se que, para estar plenamente inserido no contexto atual, é necessário conhecer e integrar à cultura tecnológica, intensificar a formação crítica para obter o discernimento necessário. Esses são procedimentos e estratégias que podem ser produzidos, difundidos e conquistados pelos países em desenvolvimento, em relação às políticas mais democráticas de transferência de informação nas esferas econômicas e técnicas, sociais, culturais e educacionais.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. 1. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

_____. *Vida para o consumo: transformando as pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das massas silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRIQUET DE LEMOS, Antônio Agenor. *A transferência de informação entre o norte e o sul: utopia ou realidade?*. Conferência de abertura do 1.º Congresso Latino-Americano de Biblioteconomia e Documentação. Salvador, 21 a 26 de setembro, 1980. Disponível em: <http://www.briquetdelemos.com.br/briquet/briquet_lemos8.htm>. Acesso em: 2 abr. 2009.

BRUNO, Fernanda. Tecnologias de informação e subjetividade contemporânea. *Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, SBPC, Labjor, n. 96, 10 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=33&id=384>>. Acesso em: 15 mar 2008.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. The concept of information. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CARVALHO, Kátia de et al. *Travessia das letras*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *La era de La información*. Madrid: Alianza, 1999.

_____. *El poder de la identidad*. Madrid: Alianza, 2000.

ENRIQUEZ, Eugène. O homem do século XXI: sujeito autônomo ou indivíduo descartável. *RAE-Eletrônica*, v.5, n.1, art. 10, jan./jun., 2006.

FORTIN, Marrie-Fabienne. *Le processus de la recherche: de la recherche à la conception*. Paris: Décarie, 2000.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América-Latina*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Estudos latino-americanos, v. 12).

GODÓI, Jaqueline Reinert; PINHEIRO, Gláucia Valéria. Consumo virtual e o eu frente a novas tecnologias de informação. In: ENCONTRO REGIONAL DE PSICOLOGIA. *Anais...*, Maringá: CESUMAR, 2008, p. 41-68.

GÓMEZ DE SILVA, Guido. *Breve diccionario etimológico de la lengua española*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

LÉVY, Pierre. *L'intelligence collective: pour une anthropologie du cyberspace*. Paris: La Decouverte, 1994.

LOPES, Ilza Leite. Estratégia de busca na recuperação da informação: revisão da literatura. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 31, n. 2, maio/ago. 2002.

MATTELART, Armand. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2002.

MEJÍA, Marco Raúl. *Transformação social: educação popular e movimentos sociais no fim do século*. São Paulo: Cortez, 1996. (Questões da nossa época, v. 50).

PIRES, Mauricio. *Optoeletrônica*. UFRJ, 2008. Disponível em: <<http://omnis.if.ufrj.br/~pires/Optoeletronica.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2008.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura e cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel. Relación entre los conceptos: información, conocimiento y valor. Semejanzas y diferencias. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 34, n.2, 2005.

RIBEIRO, Maria Tereza F. *Economia do conhecimento e a tecnologia da informação*. Salvador: NACIT/UFBA, 2006. (Não publicado).

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SORJ, Bernardo. *Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação*. Brasília, DF: UNESCO, 2003.